

XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XIII ENANCIB 2012

**GT 10: Informação e Memória**

MEMÓRIA INSTITUCIONAL: A SÉRIE RELATÓRIOS DE ATIVIDADES DA  
BIBLIOTECA NACIONAL

Modalidade de apresentação: Pôster

Carlos Henrique Juvêncio - UnB  
Georgete Medleg Rodrigues – UnB  
carloshjuvsilva@yahoo.com.br

## RESUMO

Objetiva compreender como a memória institucional é preservada por meios dos relatórios institucionais. Utiliza como objeto de pesquisa os relatórios da Biblioteca Nacional do Brasil, buscando compreender como se deu a formação e o desenvolvimento de sua coleção entre os anos de 1905 e 1915, período no qual a Biblioteca ganha seu prédio na Avenida Central, Rio de Janeiro. Qualifica os relatórios como vestígios da construção da memória institucional. Conclui que os relatórios institucionais são importantes atores na reconstrução da memória da instituição, uma vez que arrola diversas informações importantes nesse sentido.

## 1 INTRODUÇÃO

A Biblioteca Nacional do Brasil foi fundada em 1810, ainda sob a égide do Império Português. Sua origem remonta à Real Biblioteca Portuguesa reconstruída após o terremoto que em 1755 devastou Lisboa e outras cidades portuguesas (SCHWARCZ, 2002). Ao longo de seus 200 anos de história no território brasileiro a Biblioteca enriqueceu sua coleção através de compras e doações recebidas, além do recolhimento de livros decorrente da lei do depósito legal, tornando-se, desta maneira, segundo a UNESCO, uma das dez maiores bibliotecas do mundo (BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil), 2006b).

Como narradores dessa história bicentenária, temos diversos documentos, que hoje constituem o seu arquivo histórico, ou a Coleção Biblioteca Nacional, como é chamada. Dentre os documentos preservados neste arquivo, encontram-se os relatórios institucionais – registros informacionais que, como subsídio documental, nos permitem compreender e contextualizar as ações e iniciativas de uma instituição, como no caso, a Fundação Biblioteca Nacional. Nesses relatórios podemos encontrar uma “descrição minuciosa e circunstanciada dos fatos ocorridos na gerência de administração pública ou de sociedade” (MICHAELIS, c2009), tais como dados quantitativos, descrições pormenorizadas de tarefas realizadas, propostas, reclamações, além de, num quadro geral, a situação da instituição com relação à estrutura, verbas recebidas, despesas, pessoal etc.

Em relação às bibliotecas e outros centros de informação, esses dados caracterizam-se por estatísticas de aquisições, consultas e doações, uma descrição detalhada do trabalho realizado com o acervo (como e quais obras foram encadernadas, quais foram restauradas, quais coleções foram descritas etc.), além de outras informações.

Desta maneira, portando informações sobre os “bastidores” institucionais, é bem provável que possamos traçar os percursos trilhados ao longo dos anos pelas instituições, e no que tange à Biblioteca Nacional é provável que possamos visualizar como se deu a construção e evolução de seu acervo e o porquê de tais escolhas em detrimento de outras.

Nesse sentido, o trabalho que ora apresentamos é parte do projeto de dissertação em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília, cuja temática intitula-se “Relatos de memória institucional: a série de relatórios de atividades da Biblioteca Nacional 1905-191”. O problema central da pesquisa consiste na indagação se a formação e o desenvolvimento de coleções em instituições memorialísticas seriam frutos de ações políticas de preservação da memória.

O objetivo geral é o de compreender a formação e o desenvolvimento de coleções como sendo resultado da imagem que a Biblioteca Nacional estava construindo para si no período entre 1905 e 1915. Os objetivos específicos, levando-se em conta o período acima especificado, são: a) identificar nos relatórios anuais da Biblioteca Nacional as políticas de desenvolvimento de coleções da Biblioteca; b) identificar as formas de aquisições de suas coleções; c) demonstrar o papel dos relatórios institucionais como preservadores e construtores da memória das instituições.

Como referência teórico-metodológica para a identificação, seleção e análise de informações dos relatórios da Biblioteca Nacional, adotamos a obra “*Análise de Conteúdo*”, de Laurence Bardin, no qual a autora evidencia alguns meios de tratamento da informação arrolada nos mais diversos tipos de suporte. Também buscaremos conceituar a temática memória sob a ótica de alguns autores, como Pomian (2000), Vernant (1973), Le Goff (2003) e Benjamin (2006). Guinzburg (2003) nos auxiliará no conceito de traços/vestígios/indícios.

## **2 CONTEXTUALIZANDO OS RELATÓRIOS INSTITUCIONAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL**

Os relatórios da Biblioteca Nacional, por tradição, são publicados periodicamente nas últimas páginas dos Anais da Biblioteca Nacional, estando disponíveis na *web*<sup>1</sup>. Os autores de seus originais são/eram os chefes das respectivas divisões/seções. Estes remetem tais relatórios ao Diretor Geral ou, no caso atual, Presidente, para que este os compile e faça o relatório anual. O relatório depois de compilado é enviado à pasta ministerial responsável pela Biblioteca e publicado nos Anais da instituição.

Seus originais (tanto os confeccionados pelos chefes das Seções/Divisões, como os do Diretor Geral/Presidente) pertencem à Coleção Biblioteca Nacional, que nada mais é do que o Arquivo Histórico da instituição, estando depositado na Divisão de Manuscritos. Em seu

---

<sup>1</sup> Para consulta, acesse: [http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/anais/anais.htm](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais.htm)

escopo estão presentes documentos desde a chegada da Real Biblioteca ao Brasil, em 1810, até os dias atuais.

Nesse sentido, ao observarmos a construção da memória institucional podemos perceber que ela não parece surgir tão facilmente; é necessário que os dirigentes da instituição tenham consciência da importância dos registros históricos para o futuro dela. Assim, a construção de um arquivo institucional é um dos meios de salvaguarda da memória institucional, pois é para ele que confluirão informações relevantes para a instituição e é por meio dele que no futuro ela poderá (re)contar a sua história.

Ter uma instituição como a Biblioteca Nacional, cuja missão é “captar e preservar o acervo da memória nacional” (BIBLIOTECA NACIONAL (BRASIL), 2006a), é imprescindível para o país. Porém a instituição também deve se preocupar em salvaguardar a sua memória, pois dela também poderemos retirar fatos da memória social, das relações estabelecidas entre ela e os cidadãos e, sobretudo, sua relação com o ideal de construção da nação.

### **3 A BIBLIOTECA NACIONAL E SEU TEMPO**

É importante perceber o período pelo qual a Biblioteca passava. No início do século XX, o Brasil e, principalmente o então Distrito Federal, Rio de Janeiro, passavam por grandes transformações, sobretudo as de ordem urbana. A República, declarada há poucos anos, ainda sofria com diversas revoltas e custava a se estabilizar.

Com a reforma urbana de Pereira Passos, o Centro do Rio é remodelado e a Biblioteca Nacional ganha seu novo prédio, um “monumental palácio”, segundo seu diretor à época (SILVA, 1915). Com a incumbência de preencher os espaços daquele novo prédio, parece que foi empregado um esforço maior pela aquisição de novos itens para a Biblioteca. Sob este prisma, acreditamos que a união entre o estatuto de portador da memória que as bibliotecas nacionais usufruem em conjunto com o desejo de criação de símbolos nacionais pela República (CARVALHO, 1990), parece ter contribuído para que o acervo da Biblioteca crescesse e cumprisse sua missão de preservação da memória nacional. Porém, ao que parece, a memória que se desejou preservar foi a das elites políticas à época, ou seja, a memória dos homens da República. Nesse sentido, convém evocar o que seria o poder dos documentos que parece ser maior do que aparenta. Le Goff (2003), em seu texto Documento/Monumento nos fala da importância do documento na construção das sociedades e como sua preservação ou destruição é fruto de escolhas. Assim, ao se institucionalizar como documento de uma

Biblioteca Nacional, vários significados podem ser atribuídos a esse documento, inclusive, o de perpetuador da memória de um grupo específico.

#### **4 OS RELATÓRIOS COMO VESTÍGIOS DA CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA INSTITUCIONAL**

Ginzburg (2003), por sua vez, ao tratar dos vestígios, restos e rastros como importantes atores na (re) construção da memória de uma sociedade, pessoa ou grupo, nos permite caracterizar os relatórios como vestígios (narrativas) de uma antiga ordenação da Biblioteca, num contexto alheio ao atual e com diferentes normas de tratamento documental e organização do acervo. Desta forma “se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la” (Ginzburg, 2003, p. 177).

Nesse sentido, Pomian (2000) define que

A ‘memória’ é, em suma, o que permite a um ser vivo remontar no tempo, relacionar-se, sempre mantendo-se no presente com o passado [...] [Pois] entre o presente e o passado interpõem-se sinais e vestígios mediante os quais – e só deste modo – se pode compreender o passado; trata-se de recordações, imagens relíquias. (p. 508)

Ou seja, são os vestígios que permitirão a reconstrução de um tempo que já passou. Nesse contexto a Biblioteca ganha maior importância, pois é um local tradicional de institucionalização da memória, sendo um dos instrumentos de sua preservação ao longo dos séculos. Além de ser um dos primeiros locais criados com esta finalidade. Sobre isso Burke (2003, p. 88), nos fala, ao discutir as bibliotecas da Antiguidade, que as

Bibliotecas que sobreviveram nos permitem estudar a “arqueologia do conhecimento” no sentido literal da famosa expressão de Foucault, examinando os vestígios físicos de antigos sistemas de classificação. Os catálogos das bibliotecas públicas e privadas, e a organização das bibliografias (que eram apresentadas na forma de bibliotecas imaginárias, usando muitas vezes os títulos *Bibliotheca*), seguiam frequentemente a mesma ordem, com poucas permutações e modificações.

Ao trazermos tal ideia, o resultado poderá ser uma espécie de “arqueologia das bibliotecas”, onde através de relatórios institucionais podem ser traçados percursos e trajetões do acervo da instituição, sua construção e desenvolvimento, além da trajetória da própria instituição na sociedade.

Articulando mais especificamente a noção de memória institucional, Costa (1997) diz que “a memória institucional [...] Na perspectiva do tempo, seria o retorno reelaborado de tudo aquilo que contabilizamos na história como conquistas legadas, acontecimentos, mas também vicissitudes, servidões, escuridão” (p. 147).

Assim, os relatórios como portadores da memória institucional, trazem em seu escopo, um relato sobre os acontecimentos mais relevantes da instituição, e parecem refletir a imagem que essa deseja construir para si, sendo os relatórios a fala de si das instituições, mas também construído por elas.

## **5 RESULTADOS PRELIMINARES**

Até o momento, como resultado do levantamento dos relatórios nos Anais da Biblioteca Nacional, foi possível verificar quais coleções deram entrada na Biblioteca no período analisado. Porém, ainda de forma superficial, com apenas algumas informações objetivas, tais como quem foi o seu vendedor ou doador; um breve relato sobre a importância daqueles itens; e como está sendo realizado o seu tratamento técnico.

Também são dadas explicações para o acondicionamento de cada item das coleções em diferentes seções da Biblioteca, geralmente, baseando-se na tipologia documental dos itens. Alguns outros fatos, como a necessidade de enriquecimento da coleção diante da inauguração do novo prédio da Biblioteca, também são expressos nos relatórios.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os relatórios institucionais, conforme apresentado acima, são importantes atores na (re)construção da memória institucional. Das informações arroladas em suas páginas, podemos retirar informações importantes sobre as decisões tomadas no âmbito institucional, justificar atitudes, comprovar certos fatos e, até mesmo, buscar ocorrências que possam subsidiar a tomada de decisão nos dias atuais.

No que se refere às bibliotecas, parece ser possível reconstruir boa parte da história de seu acervo, compreendendo como se deu a sua formação e o seu desenvolvimento. Bem como, também é possível verificar quais decisões foram tomadas em relação a condição de armazenamento e pessoal da biblioteca, por exemplo.

Deste modo, como forma de acrescentar mais dados à pesquisa, neste segundo momento, nosso propósito será a pesquisa de outras fontes do Arquivo Histórico da Biblioteca Nacional – como os relatórios das diferentes seções/divisões da instituição, bem como livros de tombo – com isso, esperamos que tais informações nos ajudem a entender de forma mais clara o porquê de as coleções terem sido incorporadas ao acervo da Biblioteca Nacional, justificando desta forma a sua aquisição ou recebimento.

*INSTITUTIONAL MEMORY: THE SERIES OF REPORTS OF THE ACTIVITIES OF THE NATIONAL LIBRARY*

**ABSTRACT**

Aims at understanding how the institutional memory is preserved by means of institutional reports. Used as a research reports from the National Library of Brazil, seeking to understand how was the training and development of its collection between the years 1905 and 1915, during which the Library makes its building on Central Avenue, Rio de Janeiro. Describes the reports as vestiges of the construction of institutional memory. Concluded that the reports are important institutional actors in the reconstruction of the institution's memory, since many important information which lists accordingly.

**REFERÊNCIAS**

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

COSTA, Icléia Thiesen Magalhães. **Memória institucional**: a construção conceitual numa abordagem teórico - metodológica. 1997. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - IBICT-UFRJ, Rio de Janeiro. Orientadora: Maria Nélide González de Gómez.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: \_\_\_\_\_. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.143-179.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: \_\_\_\_\_. **História e Memória**. 5. ed. Campinas: UNICAMP, 2003. p. 525-541.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez, 1993.

POMIAN, Krzysztof. Memória: atlas, documento/monumento, fóssil, memória, ruína/restauro. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 2000. p. 507-516. (Sistemática, v. 42).

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **A longa viagem da biblioteca dos reis**: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SILVA, Manoel Cícero Peregrino da. A Bibliotheca Nacional em 1910. **Anais da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, v. 33, p. 368-397, 1915.

VERNANT, Jean-Pierre. Aspectos míticos da memória e do tempo. In: \_\_\_\_\_. **Mito e pensamento entre os gregos**: estudos de psicologia histórica. São Paulo: Difusão Européia do Livro; EDUSP, 1973. p. 71-97.